

3. Estudo de Campo

3.1. Método

Para esta pesquisa foram realizadas entrevistas de natureza qualitativa, com base no MEDS – Método de Explicitação do Discurso Subjacente (NICOLACI-DA-COSTA, 2007). A escolha dessa metodologia ocorreu em função de suas especificidades. Para o MEDS é importante destacar o registro explícito do discurso das participantes, cuja coleta deve ser realizada em contextos naturais e informais, pela utilização de livre escuta.

3.2. Participantes

O recrutamento contou com a homogeneidade das participantes, isto é, a partir de critérios preestabelecidos de acordo com o objetivo da pesquisa. Estes fundamentaram-se numa ampla hegemonia, ou seja, com base numa importante característica comum, além de outros atributos pessoais. No caso das participantes da pesquisa, todas deveriam ser mulheres que optaram por não ter filhos. Essa escolha deveria ter acontecido enquanto elas eram casadas (entende-se por casadas aquelas que tiveram uma união legal ou que viviam em regime de coabitação). As participantes deveriam ser heterossexuais, fazer parte da classe média e residentes no estado do Rio de Janeiro – sendo oito participantes da zona sul da cidade e duas do município de Niterói.

Apresentando essas características foram entrevistadas dez mulheres, cujos nomes foram substituídos por outros fictícios, estabelecidos por cada uma delas no dia de nosso encontro. Apenas uma solicitou que seu verdadeiro nome fosse utilizado no trabalho. Todas as entrevistas foram realizadas em local determinado pelas participantes. Quanto à faixa etária, das dez entrevistadas apenas uma ainda tinha idade para conceber uma criança pelos métodos naturais.

A) Tereza

“Eu vejo algumas mães falarem coisas de filhos que eu penso: ‘Obrigada, Senhor, por eu não ter tido esse pedaço: porque eu já estaria presa!’”

Tereza tem 55 anos, é separada e trabalha como coordenadora administrativa de uma empresa. Tendo reencontrado, depois de 16 anos, seu primeiro namorado, juntou-se a ele num relacionamento que durou 12 anos. Embora considere que a relação tenha sido bastante madura, já que ambos eram adultos, ela a define como péssima. Segundo a entrevistada, o casamento aconteceu muito por sua vontade de sair de casa e de ter um marido. No entanto, diz ter sido infeliz durante todo esse período, que apresentava muitos conflitos, em função das traições do marido.

Os pais de Tereza (especialmente seu pai) gostavam muito de seu esposo, mas ela não compartilhava com eles as dificuldades e frustrações de seu casamento. Um mês após a morte do pai, ela se separou.

Segundo a entrevistada, o desejo de ter filhos estava presente no início do casamento, mas, como a relação era muito ruim, ela mesma decidiu não ter filhos. Após a separação, nunca quis novamente tê-los. O dinheiro e os cuidados com a família e a ideia de abrir mão de projetos foram algumas das razões que fizeram com que ela optasse por esse caminho.

Apenas a mãe de Tereza ainda é viva. A entrevistada afirma que a relação entre as duas é ótima e que faz tudo pela mãe. Além disso, ajuda a cuidar de um sobrinho, filho do irmão mais velho, que faleceu há cerca de 13 anos. Para ela, essa perda fez com que a família se unisse mais. A infância não foi muito fácil, com problemas financeiros e muito sofrimento, relacionado à saúde debilitada do pai.

A frustração pela falta de filhos não faz parte de sua vida. Ela engravidou aos 18 anos, abortou e diz que hoje não sofre nada por essa atitude. Embora goste de crianças, declara que como mãe seria um horror: neurótica, dura e sem afinidades.

B) Andreia

“Foi uma decisão que não tinha volta. Quando você compra um apartamento, se você não gostou você vende. Filho você não tem como se desfazer dele. Uma vez que você teve é para o resto da sua vida.”

Andreia é uma acupunturista de 46 anos, casada há 20 anos. Ela é a caçula de uma família de três irmãos e, também, a única mulher. Por consequência, conta que sempre foi muito pressionada pelos pais, mas não percebe nenhum tipo de problema resultante dessa cobrança.

A mãe nunca trabalhou fora de casa e, sozinha, cuidou dos filhos. A relação de Andreia com a mãe, na infância e adolescência, nunca foi muito boa, embora, na atualidade, seja melhor. A boa relação se dava com o pai, falecido há 19 anos.

Para Andreia, a relação com o marido é de muita cumplicidade, amizade e liberdade. Ela afirma que a decisão de ter ou não filhos foi muito pensada e analisada. O marido sempre a apoiou em sua escolha, desejando que ela fosse tomada com base nos sentimentos da esposa e não em função da pressão de amigos e familiares. Contudo, em alguns momentos Andreia se questiona se foi impositiva, intransigente e egoísta por não ter dado um filho a seu esposo.

Quando estava na faculdade engravidou do marido, então seu namorado, mas abortou. Mesmo considerando-a uma decisão bastante difícil, declara ter sido a melhor coisa a fazer. Para Andreia a maternidade exige uma dedicação muito intensa que não sabe se teria condições de oferecer. Caso fosse mãe, a entrevistada crê que abandonaria o trabalho para criar o filho por não saber se seria capaz de acumular as duas responsabilidades. No entanto, a ideia de abrir mão de suas coisas não a agrada. Ela afirma não ter paciência com crianças e nunca ter sentido vontade de ter filhos.

C) Sula

“É muita pretensão o que eu vou falar agora, mas é como se eu estivesse à frente demais para ser mãe.”

Sula, 44 anos, casada, trabalha como gerente de marketing. Morou com a mãe, viúva, até ter um pouco mais de 30 anos. Teve dois irmãos: uma irmã, dois anos mais velha, e um irmão, dois anos mais novo. Filha do meio, acredita que a atenção da mãe sempre foi muito voltada para a irmã, enquanto o cuidado do pai era para com o irmão. A relação com os pais sempre foi boa, mas ela conta que a mãe era quem colocava ordem em casa, enquanto o pai era “o cara” – o boa-praça –, adorado por ela. O irmãozinho nasceu com um problema no coração e faleceu aos dois anos de idade. Ela, então, assumiu o papel do irmão e se tornou o menininho da casa, o que a levou, em suas palavras, a chamar a atenção do pai e ocupar o lugar do irmão. Porém, quando estava com 11 anos, o pai morreu de infarto — e ela assumiu o lugar de “homem da casa”, passando a tomar conta da família. A mãe não trabalhava até o falecimento do esposo e, embora tenha contado com uma boa pensão, visto que o marido era da Marinha, começou a trabalhar para se ocupar um pouco.

Ao falar da escolha pela não maternidade, Sula entra em choque com suas opiniões. Casada há um ano e meio com a pessoa com quem namorou por 13 anos, defende a ideia de que a instituição do casamento só serve para romper aquilo que é divertido numa relação. A entrevistada gosta de liberdade, independência, autonomia, leveza, e diz encontrar, felizmente, todas essas características na sua relação. No entanto, percebe que existe uma dependência, maternal, muito grande por parte do marido com relação a ela. Da mesma forma, sente ser necessário ter alguém a seu lado. Conta que uma vez, momentaneamente terminando o relacionamento, pensou em engravidar de qualquer um para garantir uma companhia a seu lado. Ela não gosta da imagem de uma mulher sozinha.

Sula diz ter conquistado tudo que uma pessoa quer: casa, carro, moto, a liberdade de ir e vir. Entretanto, questiona-se se não parou na adolescência e se não deveria querer engravidar.

Todas as vezes em que pensou em ter filhos imaginou que não seria uma mãe comum. A entrevistada acredita estar à frente de seu tempo; no entanto, acha

que a escolha de não ter filhos pode estar relacionada ao medo de não ser uma mãe tão revolucionária quanto defende, e diz que acabaria construindo uma “família padrão” – o que provaria sua incompetência.

O medo de não poder arcar financeiramente com a criação de um filho também é grande. Ela teme a instabilidade do futuro. Além disso, diz que se ocupou muito da família e pouco de si mesma. Não se enxergando madura e completa, não se sente pronta para cuidar de uma criança.

D) Mary

“Eu posso não ter escolhido a profissão certa, ser mal remunerada, mas isso foi uma coisa que cedo eu decidi: eu não quero ter filhos!”

Mary tem 46 anos e é a caçula de uma família de cinco irmãos. Viveu com a mãe até casar. Quando estava com quatro anos de idade o pai faleceu em decorrência de um infarto. A mãe, dona de casa, cuidava dos filhos, e o pai era o provedor da casa. Após sua morte, o sócio roubou a parte do pai no negócio, e a família acabou ficando sem nada. Felizmente, a irmã mais velha de Mary namorava nessa época com R., com quem mais tarde se casou e que acolheu a todos. A família foi levada para morar com uma tia de R., viúva, que morava sozinha e detinha muitas posses. A mãe de Mary passou a trabalhar como secretária num consultório médico, mas ainda assim se dedicava muito à família e se esforçava para dar tudo aquilo de que os filhos precisavam. Na sua ausência, a “tia” ficava com as crianças. Segundo a entrevistada, a relação com a mãe e a família sempre foi muito boa e de grande cooperação. Após dez anos morando com a “tia”, o irmão mais velho de Mary, que já estava trabalhando, alugou um apartamento para que a família pudesse se instalar.

Filha mais nova, a entrevistada afirma sempre ter sido muito independente. Quanto à escolha de não ter filhos, diz ter sido uma decisão tomada na adolescência e associada à história da mãe e de sua dificuldade em criar os filhos sozinha.

Mary casou com mais idade e manteve a relação por oito anos. A escolha de não ter filhos foi anunciada no início do relacionamento. Aliás, sempre que

iniciava um namoro informava que não teria filhos. Separada há cerca de um ano, vive hoje uma nova relação e avisa que não namora homens que tenham filhos.

Para ela o marido era uma ótima pessoa, mas um pouco imaturo, apresentando dificuldades para assumir as responsabilidades da casa. De certa forma, a entrevistada acredita ter contribuído para este comportamento, já que sempre assumia as suas responsabilidades e as do esposo.

Mary é professora de Educação Física e trabalha com crianças, relação que ama, mas que frisa ser apenas seu trabalho. Nunca quis assumir a responsabilidade de ter filhos e não consegue ver nada de positivo na maternidade. Ela construiu sua vida para ficar à vontade, ter liberdade e ser independente.

E) Ellen

“Cuidar daquele bebê, trocar fralda, nunca! Não consigo limpar, ver criança arrotar, vomitar... Aquilo me incomoda muito. Eu não tenho paciência com criança!”

Ellen tem 49 anos, é telefonista, e está casada há 26 anos. Nasceu no interior do Estado e veio morar na cidade do Rio de Janeiro assim que casou com o marido, 13 anos mais velho que ela. Sua relação é definida como sendo de total liberdade e sem cobranças: ela pode sair e viajar quando quiser.

A escolha de não ter filhos foi tomada por ela. Segundo a entrevistada, casou-se muito cedo e veio para a capital. Como era do interior, ficou encantada pelas belezas do Rio e achava que deveria aproveitar. A idade era apenas uma justificativa — Ellen nunca quis ter filhos. Ainda assim, usou o mesmo argumento quando ficou mais velha, já que não tinha mais idade para ser mãe. Quanto ao marido, sempre quis ter um filho, mas acatou a decisão da esposa.

Ellen acredita que uma mãe tem de dar ao filho tudo que ele quer e fica indignada com a falta de educação dos jovens de hoje. Para ela isso é consequência de uma criação ruim. Crê que como mãe seria liberal, muito boba, e acabaria aceitando tudo do filho.

Com relação à família, tem mais seis irmãos biológicos e conta que depois que todos casaram a mãe adotou um bebê. O relacionamento com ela sempre foi

muito bom. Os pais estão vivos, são casados e reúnem toda a família nos fins de semana.

F) Vivian

“Tem pessoas que têm o dom para ser mãe, outras já não têm. Quem não tem dom para ser mãe não tenha filhos.”

Vivian reside na cidade do Rio de Janeiro há quase vinte anos. A entrevistada tem 51 anos e trabalha como assistente financeira de uma clínica. Sua mãe faleceu no ano passado; seu pai está vivo e continua morando em Teresina.

Casada com um carioca há 16 anos, ela veio para o Rio passar férias na casa de duas tias, após o fim de um namoro. Convidada para morar com as tias, não hesitou: deixou o Nordeste e veio para a Cidade Maravilhosa. Aqui conheceu o marido enquanto fazia um curso técnico. Conta que o casamento é ótimo e sem preocupações.

O marido de Vivian nunca quis ter filhos e deixou sua decisão clara durante o namoro. No entanto, isso nunca foi um problema, já que ela não fazia questão de engravidar. Pressionado pela escolha, o marido chegou a dizer que poderiam ter um filho, mas para isso ela teria de parar de trabalhar, pois ele acredita que creches não educam as crianças. Isso nunca foi uma possibilidade para ela, que ressalta que jamais aceitaria depender financeiramente do marido.

Primogênita de uma família de dez crianças, ficou responsável por cuidar dos irmãos enquanto a mãe trabalhava junto com o pai na roça. Sempre que a mãe engravidava, alguma tia vinha ajudar e permanecia com a família até o bebê completar cerca de dois anos de idade. No entanto, com nove anos de idade Vivian passou a ficar sozinha com as crianças. Ela conta que, de madrugada, quando um bebê acordava a mãe a tirava da cama para ajudá-la, visto que o pai, cansado do trabalho, continuava dormindo. Segundo Vivian, a família era caracteristicamente próxima do patriarcado. O pai, temido por seus irmãos, sustentava a casa e dava ordens. A mãe, embora trabalhasse, teve dez filhos e foi a responsável por educá-los, ensinando-os a tabuada e a ler e escrever, além de cuidar das tarefas da casa.

G) Amanda

“Quando eu já estava na faixa dos quarenta anos, quando eu poderia até engravidar, eu falei assim: ‘Não, eu fui até agora tão bem, por que eu vou querer engravidar com essa idade?’ Eu optei pela retirada do meu útero.”

Amanda tem 56 anos e está casada há 31. Conta que não pensava em se casar, nem em ter filhos. Em uma família de cinco crianças, ela é a única irmã e admite que adorava ficar com os irmãos e que queria ser igual a eles. Não foi fácil. O pai — e consequentemente os irmãos — era muito machista e tratava de colocá-la em seu devido lugar: cuidar das coisas da casa. A intenção de Amanda era estudar, trabalhar, ganhar dinheiro e comprar um apartamento. Porém, na visão do pai, para as mulheres o estudo significava apenas o primário, e a coisa certa a se fazer era arrumar um marido.

Sendo o pai o provedor, a mãe não trabalhava e se dedicava inteiramente aos filhos. A relação com a mãe na infância foi boa até o nascimento do irmão caçula, quando ela tinha oito anos de idade. Segundo Amanda, a mãe teve depressão pós-parto, o que acabou modificando toda a estrutura da família. Ela morreu aos 76 anos, ainda em depressão.

Mesmo sofrendo tantas pressões, Amanda começou a trabalhar aos 18 anos e pagou sua faculdade, formando-se em Turismo. Querendo sair do ambiente opressor em que vivia, não é estranho que tenha se envolvido com um homem, seu atual marido, que, segundo a entrevistada, lhe deu — e dá — toda a liberdade com a qual sonhou. Ela pode sair, viajar com as amigas, fazer o que quiser que ele não se incomoda. Amanda conta que às vezes chega a esquecer que é casada. Para ela o casamento é muito bom e cheio de liberdade. Nenhum dos dois gosta de se sentir preso, o que ela associa à escolha de não ter filhos.

No entanto, a tomada da decisão não foi tão segura. Quando casou, aos 26 anos, queria curtir a vida e deixou a maternidade para mais tarde, até que a cobrança em relação a ter filhos começou. O marido não queria crianças, mas deixou-a à vontade para decidir. Ela sucumbiu às pressões sociais e tentou engravidar, mas não conseguiu. O casal fez todos os exames para saber se estava

bem e constatou que podia perfeitamente ter filhos. Ainda assim, não conseguiam engravidar.

Amanda conta que o médico sugeriu que adotassem uma criança ou fizessem inseminação artificial, mas ela sempre dizia: “Não, doutor, eu não quero nada disso! Eu sou nova, sou normal, então deixa...” O mais interessante é que durante toda a entrevista ela insistiu em afirmar que tentara ter filhos e ao mesmo tempo declarou que uma criança atrapalharia sua relação com o marido, assim como sua liberdade. Quando questionada sobre sua ambivalência, respondeu em voz baixa que só tentou ter filhos porque a pressionaram. Para ela, suas tentativas foram uma satisfação para a sociedade.

Pouco depois dos 30 anos, a entrevistada fez uma cirurgia, em função de possuir um útero policístico. Após o tratamento, o médico disse que ela não teria problema nenhum para engravidar, mas que os cistos certamente reapareceriam e que, se fosse o caso, ela poderia optar por retirar o útero. Aos 40 anos de idade, os cistos voltaram a aparecer. Embora ainda pudesse engravidar ela optou pela retirada do útero.

Amanda conclui a entrevista dizendo que não queria filhos e que precisou fazer terapia para dar conta de assumir isso.

H) Cristina

“É uma opção pela minha independência. É assim! Não sinto falta.”

Casada há 19 anos, Cristina deparou-se com alguns obstáculos quando se envolveu com seu marido. Cinco anos mais velha que ele, seu primo em primeiro grau, encarou a dificuldade das famílias em aceitar o relacionamento. Ela só o vira uma vez, quando ele tinha cinco anos de idade. Seu pai é irmão do pai de seu marido — os dois não se davam bem, favorecendo o afastamento das famílias.

O casamento acabou se realizando e o casal foi morar num apartamento cedido pelo pai de Cristina. A relação passou por muitas dificuldades e o casal acabou se separando por alguns meses. Hoje vivem muito bem: moram separados, mas continuam casados.

A entrevistada diz que por muito tempo dependeu do marido financeiramente. Atualmente ela se sustenta e tem sua independência. Cristina acredita que sua mudança de atitude foi fundamental para que o casal continuasse unido. Diz ainda que se sente poupada, em vários sentidos, com cada um vivendo em seu próprio lar. Ainda que a autonomia dentro de casa seja uma forte razão para eles continuarem morando em apartamentos diferentes, o sentimento de caminhar com as próprias pernas é citado por ela como uma vitória que deseja manter. No mais, ela declara que seria complicado ter uma criança com seu marido e que escolhe estar com ele mesmo que seja para não ter filhos.

Quando casou, Cristina queria muito ter filhos, embora o marido não os desejasse. Para ela, a relação não seria um obstáculo à realização deste desejo. No entanto, com o tempo e o crescimento profissional, ela passou a não ter vontade de assumir tal responsabilidade. A entrevistada adora seu trabalho, gosta da liberdade em que vive e diz que para ter filhos precisaria de chão. Embora se entusiasme quando fala de crianças e acredite ser sublime a maternidade, não tem vontade de ser mãe e diz amar sua liberdade.

Com 46 anos ela é psicóloga e acupunturista. Seus pais são casados e vivem perto dela. Cristina tem um irmão mais velho, também casado e com filhos. Segundo ela, a relação com a mãe na infância foi simbiótica, vista na época como ótima. Na adolescência, porém, as coisas mudaram quando ela percebeu que não podia contar com a mãe. O relacionamento hoje é complicado e Cristina evita ter muito contato com os pais. Quanto à sua criação, conta que o pai era o provedor e aquele que dava broncas; já a mãe cuidava dos filhos, vivia para eles.

I) Soraya

“O que eu vejo é que a grande maioria tem filho como uma descarga. Mais ou menos assim: eu não sei o que eu faço comigo e com você, então a gente descarrega na criação de um filho.”

Soraya é a única mulher, caçula, de uma família de três irmãos. Os pais são vivos e separados desde que ela tinha 12 anos. Embora tenha mantido contato com o pai após a separação, viveu com a mãe até os 17 anos, quando saiu de casa. A mãe cuidava dos filhos e não trabalhava quando eles eram crianças, mas montou uma creche quando se tornaram adolescentes. Sobre o vínculo com a mãe, ela fala de amor, mas conta que ambas nunca tiveram afinidade ou cumplicidade. Para Soraya, seu modo de vida impactava a família, já que não seguia “um caminho muito tradicional”. Embora estudiosa, ela acredita que, sendo a única mulher e a caçula, muitas foram as projeções sobre ela.

Ex-jornalista, 52 anos de idade, se define como especialista do corpo – trabalha com movimento e dançaterapia. Soraya casou-se aos trinta anos com o ex-marido, com quem namorou em três momentos diferentes de sua vida. Quando resolveram ficar juntos, foram morar fora do país, com um projeto de família – “voar em conjunto”!

Nunca quiseram ter filhos. Separados há dez anos, viveram juntos durante cinco anos. Na opinião de Soraya, ele casou para ficar com ela, não para construir uma família com filhos. Ela conta que até hoje eles têm uma boa relação e que o casamento era de muito companheirismo. Não consegue entender casais que perdem o contato após se separarem. A decisão de não ter filhos envolve várias questões: projeto de vida, falta de desejo e de preparo. Para ela o bebê é uma potência enorme. Soraya defende a ideia de que toda mulher precisa entender por que deseja um filho e se preparar para tê-lo, buscando conhecer-se e aprender as necessidades de uma criança antes de concebê-la.

Divorciada, tem aversão ao rótulo. Ela se define como solteira e acredita que o *status* de divorciada é traumatizante – uma forma de rememorar o passado que “rasga, re-rasga a ferida de algo que acabou”.

J) *Marcela*

“Mas, na vida, a gente tem que fazer escolhas o tempo todo. Então, se eu tenho que priorizar certas coisas e abrir mão de outras, eu abri mão de ser mãe.”

Marcela tem 34 anos e de todas as participantes é a única que ainda tem a possibilidade de conceber filhos de modo natural. No entanto, sua escolha pela não maternidade está feita. Quando a médica lhe disse que a idade limite para se ter o primeiro filho é de 36 anos, Marcela contou ter cravado sua decisão: “Não rola mesmo!”

De certo modo, a experiência da maternidade fez parte de sua vida. Ela casou a primeira vez com 22 anos. Seu marido era 11 anos mais velho e tinha dois filhos pequenos. Quando casou, o projeto era ter filhos, mas, como era jovem, preferiu aproveitar a relação, viajar e deixar o tempo passar um pouco. Aos 20 anos, antes do casamento, chegou a engravidar do marido, mas se achava muito nova e preferiu abortar. A família nunca soube disso. No entanto, sempre gostou de crianças e adorava a sensação que vivia com os enteados, especialmente a caçula, que conheceu quando ainda era bebê.

Após três anos, o casal começou a passar por uma série de crises, envolvendo traições do marido e em seguida da própria entrevistada. Ela fala que a partir de então a ideia de ter filhos foi posta de lado. O casal acabou se separando por um tempo, depois voltou a se unir durante dois anos. O casamento, porém, ficou insustentável e acabou resultando numa separação definitiva.

Segundo Marcela, desde o início das crises, ela inaugurou um período de mudanças em sua vida: começou a fazer psicologia e a dançar. Com o rompimento da relação, investiu mais na dança, que acabou se transformando em um de seus trabalhos. Foi neste meio que conheceu o atual marido e um grupo de amigos, a maioria sem filhos.

Trabalhando com dança e tecnologia da informação, e fazendo psicologia, seus projetos são numerosos. Depois da experiência do primeiro casamento, ela decidiu que não teria filhos, deixando isso claro logo no início do relacionamento atual. O casal foi morar junto há pouco mais de um ano. Para Marcela ambos têm consciência de que falta tempo, de que seus projetos são de longo prazo, e de que existe a dificuldade financeira de criar um filho. Contudo, sente-se muito segura com sua escolha.

Ela e os irmãos – uma irmã mais nova e um irmão mais velho – nasceram em Brasília, onde o pai trabalhou por um tempo, mas vieram para o Rio quando ainda eram bem jovens. Viviam com o pai, a mãe e a avó paterna. O pai trabalhava e a mãe cuidava da casa e dos filhos. A relação entre os dois sempre foi

de muito carinho, até o falecimento do pai, há dois anos, num acidente. No entanto, a presença da avó não só tirava a liberdade do casal, como gerava muito sofrimento na mãe em função de brigas constantes com a sogra. Quanto à relação entre mãe e filha, Marcela conta que esta foi boa durante a infância e adolescência, mas com conflitos. Atualmente, percebe que a relação melhorou, visto que, após o falecimento do pai, a mãe mudou muito, tornando-se mais independente.

3.3. Instrumento

Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro – com base em entrevistas piloto –, estruturado, mas flexível, aplicado em conversas naturais e informais. De modo geral as perguntas foram abertas, embora em alguns momentos tenham sido também utilizadas perguntas fechadas. Ainda que houvesse um roteiro, a ordem dos itens foi alterada, sempre que necessário, respeitando a associação de ideias das participantes. Todas as entrevistas foram gravadas e em seguida transcritas, na íntegra, para futura análise.

3.4. Procedimento

A primeira etapa da pesquisa consistiu na elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) e no roteiro da entrevista (Anexo 2). Em seguida, foram realizadas entrevistas-piloto com duas mulheres que se encaixavam nos critérios preestabelecidos para cumprir o objetivo da pesquisa. As entrevistas-piloto não foram utilizadas na análise dos resultados, apenas serviram para que fossem feitos ajustes no roteiro e que este adquirisse sua forma definitiva. Antes de iniciar as entrevistas, o projeto de dissertação passou pela avaliação do Comitê de Ética da PUC-Rio (Anexo 3). Apenas após sua aprovação as entrevistas que seriam analisadas foram realizadas.

Num primeiro momento a pesquisadora entrou em contato com as participantes por telefonema, informando-as sobre o tema da pesquisa e convidando-as para participar da entrevista. Todas as entrevistadas foram

indicadas por pessoas conhecidas da entrevistadora e que tinham conhecimento dos critérios da amostra, garantindo dessa forma que se encaixassem como participantes.

No dia da entrevista, em horário e local determinados pelas participantes, a pesquisadora esclareceu o objetivo da pesquisa e tirou dúvidas. Em seguida, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo informações sobre a pesquisa – seu objetivo, o que seria feito com o material coletado, e a garantia de sigilo – e solicitando a assinatura das entrevistadas. Para finalizar, cada participante foi convidada a escolher o próprio nome fictício a ser utilizado na pesquisa, permitindo que pudessem identificar sua respectiva fala. Foi realizada apenas uma entrevista com cada participante. Todas elas foram gravadas digitalmente e em seguida transcritas na íntegra.